

IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E SORORIDADE NEGRA: EXPLORANDO A TRANSFORMAÇÃO DE CELIE EM *A COR PÚRPURA*

Lyvia Tayane do Nascimento Lima¹

Resumo:

O presente artigo tem como intuito analisar o romance *A Cor Púrpura* (1982), de Alice Walker, e discutir a trajetória da personagem Celie e sua jornada de autodescoberta com o suporte de outras mulheres negras. O trabalho parte da hipótese de que ao observar sua irmã, Nettie, Sofia, esposa de seu enteado, e Shug Avery, amante de seu esposo, Celie identifica nelas uma grande diferença em relação a si mesma: não toleram a opressão masculina. Por conta disso, ao decorrer do tempo, se inspira no comportamento delas e decide não se submeter mais às agressões do marido. Além disso, são destacados temas como raça, gênero, identidade, resistência e sororidade negra, este último sendo fator primordial na jornada de autodescoberta da personagem. O artigo também examina como a opressão praticada pelo sistema patriarcal contra as mulheres negras perpetua sua submissão e silenciamento. O artigo analisa ainda como a desigualdade de raça e gênero se torna um grande obstáculo para a mulher negra viver em liberdade e possuir direitos igualitários tanto em relação às pessoas brancas quanto em relação aos homens negros.

Palavras-chave: Alice Walker. *A Cor Púrpura*. Gênero. Raça. Sororidade negra.

Abstract:

The purpose of this paper is to analyze Alice Walker's novel *The Color Purple* (1982) and to discuss the development of the character Celie and her journey of self-discovery with the support of other black women. The paper is based on the hypothesis that Celie, observing her sister Nettie, her stepson's wife Sofia, and her husband's mistress Shug Avery, recognizes in them a major difference from herself: they do not tolerate male oppression, and therefore, over time, she is inspired by their behavior and decides to no longer submit to her husband's aggression. In addition, themes of race, gender, identity, resistance, and black sisterhood are highlighted, the latter being a key factor in the character's journey of self-discovery. The article also examines how the patriarchal system's oppression of Black women perpetuates their subjugation and silencing. The article also analyzes how racial and gender inequality becomes a major obstacle for black women to live in freedom and have equal rights with white and black men.

Keywords: Alice Walker. *The Color Purple*. Gender. Race. Black Sisterhood.

¹ Graduanda do curso de Letras Língua Inglesa, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

1. INTRODUÇÃO

Alice Walker, renomada escritora e ativista afro-americana, nasceu em 1944, numa sociedade racialmente segregada. Sabe-se que Walker viveu em uma época onde não podia estudar na mesma escola que os estadunidenses brancos, ou até mesmo frequentar os mesmos ambientes. Dessa maneira, quando criança, sua raça, sua cor, seu cabelo eram desprezados pela sociedade que vivia. Walker sempre foi aconselhada pela mãe a priorizar os estudos, apesar de inicialmente viver em uma sociedade em que não existia liberdade para os negros, como resultado se tornou uma ativista que participou de diversos movimentos civis em busca da igualdade e liberdade para os negros norte-americanos.

Segundo Oliveira (2010), “Alice Walker faz parte do grupo de escritoras que usa a literatura para tornar sua realidade em um espaço de resistência e luta.”, (p. 2). Walker usa a escrita em forma de denúncia contra a opressão, a violência e a desigualdade; isso a tornou um símbolo de luta pelos direitos da população negra, principalmente de mulheres negras representadas em suas obras, isto é, personagens e histórias que permitem ao leitor pensar criticamente sobre a posição da mulher negra na sociedade estadunidense e além. Ao abordar temas sensíveis e complexos, a escritora oferece uma visão para experiências de mulheres negras, abordando questões de gênero, racismo, sexualidade e violência, tanto física como psicológica.

Seu romance *A Cor Púrpura* conquistou o prêmio Pulitzer, importante prêmio na literatura estadunidense (1983). A obra já recebeu duas adaptações para o cinema, em 1986, dirigida por Steven Spielberg, e 2023, dirigida por Blitz Bazawule. Trata-se de um marco na literatura norte-americana e apresenta a história de Celie, menina negra e semianalfabeta que vive na região sul dos Estados Unidos na primeira metade do século XX. A forma da narrativa tem um estilo epistolar, ou seja, a história é contada através de cartas as quais Celie escreve para Deus, e posteriormente para sua irmã. Vítima de diversos abusos desde a infância, Celie tem como pessoa mais importante em sua vida, sua irmã, Nettie. Ao ser entregue a um marido abusivo, que comete as mesmas crueldades que ela sofreu por quem ela conhecia como pai, a personagem começa a conviver com Shug Avery e Sofia, e essas mulheres se tornam pilares em sua jornada, fazendo-a sentir respeito, amor e apoio. Em uma sociedade onde homens falharam em tratar-lhe como um ser humano, Celie encontra força e

resistência através dessas relações que a fazem se sentir um indivíduo de valor.

A obra é ambientada na década de 1940, em um contexto de forte repressão às mulheres. A mulher negra, entretanto, é ainda mais oprimida devido à sua raça, muitas são tratadas como inferiores, por não aceitarem a vida convencional a que são impostas como, por exemplo, Shug Avery que é uma artista e trabalha realizando apresentações. Assim, em toda a trama existe uma luta de mulheres negras contra pessoas brancas e também contra os homens negros. Além disso, como afirma King-Kok Cheung (1988, p. 164), “Não só a repressão sexista, mas também a racista, pode amordaçar uma pessoa”, isso é notório na personagem, foco deste trabalho, que tem suas características menosprezadas durante a narrativa, seja por seu pai/padrasto ou seu marido. Apesar de a história se passar principalmente em uma comunidade negra, o racismo não é deixado de lado; pelo contrário, está sempre presente.

Em decorrência da convivência e de experiências compartilhadas, um laço se cria entre mulheres negras no enredo, mais especificamente entre Sofia e Celie, e mais tarde entre Celie e Shug Avery. A solidariedade entre elas se intensifica com o tempo, à medida que as situações cotidianas fazem com que a relação se transforme em um vínculo de confiança e irmandade.

Essa relação de sororidade² torna-se ainda mais intensa entre a protagonista e Shug, pois elas criam um elo de amizade e amor chegando à homoafetividade. Apesar de o primeiro contato entre ambas ser marcado por atritos, com o passar do romance há uma mudança significativa, pois além de compartilharem segredos, também compartilham experiências traumáticas e tristes de suas vidas. Assim, as vivências compartilhadas permitem que haja o aprofundamento da relação de amizade que ultrapassa o apoio emocional.

O foco de *A Cor Púrpura* é, pois, a história de Celie, mas também são apresentadas histórias de outras mulheres negras que sofrem diversas discriminações e violências de gênero e raça ao longo da vida diante de um sistema onde homens impõem a autoridade patriarcal.

Este artigo está estruturado em três seções, cada uma abordando temas destacados no romance. Inicialmente, serão discutidas as questões de gênero, raça e o patriarcado negro, explorando como esses temas modelam as experiências das

² A palavra “sororidade” tem origem no latim “soror”, que significa “irmã”.

personagens. Na sequência, será analisada o que denominamos de sororidade negra entre as personagens, investigando como essa irmandade se desenvolve e atua como um elemento fundamental de sobrevivência e como uma resposta ao contexto opressivo abordado na obra. Por fim, serão abordados aspectos de identidade, resistência e transformação das personagens.

2. GÊNERO, RAÇA E O PATRIARCADO NEGRO

Rodriguez (2017, p. 6) destaca que as mulheres afro-americanas enfrentaram uma dupla opressão ao longo da história, pois eram discriminadas tanto pela diferença de gênero quanto por sua raça. Nesse sentido, historicamente, as mulheres negras foram privadas de direitos, pois eram consideradas inferiores aos homens, sejam eles brancos ou negros. Logo, o racismo, o sexismo e o patriarcalismo tiveram um impacto significativo na vida delas.

No contexto de *A Cor Púrpura* os homens negros exercem domínio sobre mulheres negras (Rodriguez, 2017, p. 5), assim desde a infância até a vida adulta essas mulheres são vistas como “objetos” que precisam ser dominados, ou seres que não possuem autonomia.

Em “O feminismo é para todo mundo”, bell hooks (2018) salienta que os homens são os que mais usufruem do patriarcado, com a ideia de que são superiores às mulheres e “por direito” utilizam da violência como recurso para essa dominação. (p. 13). Isso fica explícito na jornada da personagem Celie, que é violentada em diferentes níveis, inclusive sexualmente, por homens negros de seu círculo familiar. Apesar de serem discriminados racialmente, os homens negros ainda podem exercer soberania sobre as mulheres negras. Esse sistema mostra que a opressão de gênero é enraizada, independente da raça. Isso expõe como o poder é mantido sobre as mulheres negras tornando-as mais vulneráveis.

Em um primeiro momento essa violência é evidente quando a mãe de Celie já não pode mais ter relações sexuais com o marido, em razão de doença, ele, o qual ela ainda acreditava ser o seu pai biológico, passa a molestar a enteada, violentando-a frequentemente e procurando normalizar essa violência, ameaçando-a.

Em sua primeira carta para Deus, Celie confessa: “He start to choke me, saying You better shut up and git used to it.” (Walker, 2011, p.8). A personagem não tem a

quem recorrer, e a violência continua, gerando inclusive o nascimento de dois filhos dessa agressão incestuosa, “I say God took it. He took it. He took it while I was sleeping. Kilt it out there in the woods. Kill this one too, if he can.” (Walker, 2011, p. 9), isso se referindo a seus dois filhos, os quais são tirados dela por seu pai/padrasto. Após se casar, por imposição do próprio padrasto, o abuso sexual passa a ser praticado pelo esposo, o Mr. (Sinhô___). É importante observar que Celie raramente chama os homens pelo nome e no caso do esposo o tratamento é de subserviência: “senhor”. Isso pode ser entendido como uma maneira de expressar o desnível entre eles. Por outro lado, ao não os nomear, a personagem também destaca a não importância deles em sua vida.

Na sociedade patriarcal em que foi criada, Celie ouviu durante toda a sua vida que deveria servir e obedecer ao homem, a personagem cresce acreditando que ser agredida e violentada seria algo natural para a mulher, e por isso não devia questionar ou revidar a agressão. Em sua vigésima carta, ela relata: “Well, sometime Mr. git on me pretty hard. I have to talk to Old Maker. But he my husband. I shrug my shoulders.” (Walker, 2011, p. 32).

O sistema retratado na ficção de Walker deixa explícito os rótulos sobre a mulher que, sujeita a violência, é silenciada. Dessa forma, Solnit destaca ao tratar dos contextos atuais de violência contra a mulher:

A violência contra as mulheres muitas vezes se dá contra nossas vozes e as nossas histórias pessoais. É uma recusa das nossas vozes e do que significa uma voz: o direito de autodeterminação, de participação, de concordância ou divergência, de viver e participar, de interpretar e narrar. Um marido bate na mulher para silenciá-la; um namorado ou um conhecido estuprador impede que o “não” da sua vítima signifique o que deveria significar, isto é, que a jurisdição sobre o seu corpo pertence apenas a ela [...] (Solnit, 2017).

Nesse viés, o sistema patriarcal de um modo geral não apenas sustenta a violência física, mas também consolida um ciclo de silenciamento que desumaniza as experiências femininas e perpetua a desigualdade de gênero; assim, esse silenciamento se torna uma consequência da violência.

Segundo bell hooks, “a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva” (2018, p. 74). A violência seja ela física ou psicológica reforça o medo e o silêncio, criando um ambiente cruel e inseguro, onde a vítima é marcada pela dor e pelo sentimento de vulnerabilidade.

Paulina Chiziane, mulher negra, moçambicana, em seu ensaio “Eu, mulher...

por uma nova visão do mundo” afirma: “Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade.” (2013, p. 199). Seguindo essa linha de raciocínio, o pensamento machista sobre as mulheres, seja na África de Chiziane, seja na América de Walker, é perpetuado de geração a geração e, ainda sendo, infelizmente, compartilhado na educação inclusive por mães ao tratarem seus filhos homens. Oliveira e Maio (2016, p. 8) destacam que quando há demonstrações machistas em casa as crianças tendem a adotar o mesmo comportamento, assim como se houver demonstrações de afeto nas relações familiares, mesmo que ainda não seja uma regra geral.

Na narrativa de Walker, ao ser aconselhado pela tia para ajudar Celie, Harpo, seu enteado, protesta :

Harpo, she say. Harpo the oldest boy. Harpo, don't let Celie be the one bring in all the water. You a big boy now. Time for you to help out some.
Women work, he say. What? she say.
Women work. I'm a man. (Walker, 2011, p. 20).

Assim, ao ser ensinado que apenas as mulheres deveriam fazer as tarefas domésticas, ele reproduz o que aprendeu, e tende a ensinar o mesmo aos seus filhos, caso não haja uma ruptura neste ciclo.

A situação de opressão vivida pela protagonista se converte em traumas: “I make myself wood. I say to myself, Celie, you a tree. That's how come I know trees fear man.” (Walker, 2011, p. 22). Esse pavor constante alimenta a sua sensação de inferioridade, e cada ato contra ela reforça a sua posição de submissão.

Celie vai absorvendo a ideia de que os homens têm autoridade sobre as mulheres, de modo que ela não resiste às agressões, pois tudo o que ela quer é sobreviver, e acredita que se colaborar com o agressor em aceitar as punições que lhe são dadas, tem mais chances de continuar viva. Para Cardoso:

Tem-se aqui uma personagem com identidade destruída, em seu conformismo, Celie segue achando que os espancamentos e os abusos são atos que o homem tem total direito sobre o corpo feminino (2021, p. 5).

Essa ideia leva a personagem a acreditar que todas as mulheres agem do mesmo modo. Quando Harpo se casa com Sofia, ele reclama que tem dificuldades em fazê-la obedecê-lo, então Celie o aconselha a agir com a mesma violência que sofre:

I think bout this when Harpo ast me what he ought to do to her to make her

mind. I don't mention how happy he is now.
How three years pass and he still whistle and sing. I think bout how every
time I jump when Mr. _____ call me, she look surprise. And like she pity me.
Beat her. I say. (Walker, 2011, p. 29).

Como resultado, ela foi confrontada por Sofia, e confessou possuir inveja por não fazer o que ela faz, ou seja, reagir à agressividade de seu esposo.

Assim, Celie vai criando alguma consciência que nem todas as mulheres são como ela, mas ainda assim acredita que os cônjuges devem mandar nas esposas. Essa concepção permite refletir que o processo de desconstrução desse pensamento é longo e complexo, exigindo além da coragem individual, figuras de apoio, inspiração e influência, para romper com um padrão social persistente.

Partimos agora para a análise de outra personagem, Shug Avery, que aparece no romance como uma cantora muito conhecida na região, seja essa fama boa, entre alguns homens, ou ruim, para algumas mulheres. Ela é descrita como uma mulher linda e independente, e também aparece como o primeiro amor do esposo de Celie. Shug Avery e Sinhô___ namoraram quando eram jovens, e após ele se casar com outra mulher ela se tornou sua amante. Ao ficar doente Shug vira assunto na comunidade, que a julga, como se sua doença fosse resultado de suas ações na vida:

Even the preacher got his mouth on Shug Avery, now she down. He take her condition for his text. [...]. He talk bout a strumpet in short skirts, smoking cigarettes, drinking gin. Singing for money and taking other women mens. Talk bout slut, hussy, heifer and streetcleaner. [...]. The same women smile at him, say amen gainst Shug. (Walker, 2011, p. 33)

Isso reflete a idealização do comportamento da mulher na sociedade, como submissa e agente do lar, e também a hipocrisia desta mesma comunidade que ao julgar Shug Avery não se atenta a sua própria conduta. A opinião popular sobre Shug não apenas discrimina sua experiência, mas também realça como as normas e expectativas sociais são frequentemente usadas para justificar o distanciamento daqueles que não se sujeitam aos padrões impostos, e com isso são desrespeitados e excluídos. Ademais, as atitudes cometidas por outras mulheres a respeito de Shug reforçam a questão de que a opressão patriarcal é internalizada por aquelas que a sofrem.

A personagem apesar de todos os julgamentos sociais durante sua trajetória se mantém firme e decidida, seguindo seus próprios princípios e crenças, utilizando sua voz e presença para mostrar independência. Conforme Rocha (2019, p. 75), diferentemente de Celie, Shug percebe que contrariar os padrões sociais que não

lhe interessam é o caminho para afirmar sua própria identidade.

Além de Shug Avery, Sofia, a nora, também é outra personagem que desafia as normas impostas, pois não se enxerga como alguém inferior a nenhum homem ou mulher; sendo negra enfrenta grandes desafios em sua vida, seja quando ainda morava com seus pais, onde precisava lutar para sobreviver em um ambiente dominado por seus irmãos, ou ao casar e ter que enfrentar diariamente as tentativas de agressões do esposo que não aceita o seu comportamento autônomo. Mais adiante na narrativa, os desafios enfrentados por Sofia pioram drasticamente ao cruzar com pessoas brancas e de influência local, o prefeito e sua esposa. Ao indagar Sofia sobre o aspecto limpo de seus filhos, a esposa do prefeito questiona se ela não quer trabalhar para ela:

Sofia say, Hell no.
Mayor look at Sofia, push his wife out the way. Stick out his chest. Girl, what you say to Miss Millie?
Sofia say, I say, Hell no.
He slap her. (Walker, 2011, p. 53).

Como resposta à sua recusa, Sofia foi presa, agredida e silenciada, por determinação do prefeito. Como vítima do sistema patriarcal e discriminatório, onde a violência racial prevalece, Sofia precisa adotar o mesmo comportamento de Celie, calar para sobreviver. “Every time they ast me to do something, Miss Celie, I act like I’m you. I jump right up and do just what they say.” (Walker, 2011, p. 55). Essa mudança revela o poder do opressor da sociedade branca e patriarcal que busca anular qualquer tipo de resistência negra por meio da agressão física ou verbal e da humilhação, impondo regras e limites.

Em “A Cor Púrpura” a conexão entre as personagens para confrontar o racismo e o patriarcado (branco e negro) é estabelecida apenas entre mulheres negras, sem ter relação entre mulheres brancas e negras, porque essa ligação não existe (Sedrins; Sibaldo; Lima, 2005, p. 4), o que comprova que em muitas situações as mulheres negras serão ouvidas e defendidas apenas por aquelas que vivenciam histórias semelhantes.

Embora a opressão dos homens na sociedade tenha como alvo as mulheres no geral, as mulheres brancas não querem se igualar às mulheres negras na luta, devido ao pensamento de superioridade racial. A partir dessa ideia, Sedrins, Sibaldo e Lima ressaltam:

A mulher negra, além de enfrentar a submissão ao homem negro, procura iguais condições em relação à mulher branca. Essa situação que encontra explicação nas marcas históricas do modelo escravocrata nos Estados

Unidos perpassa a obra de Walker, ficando evidente no episódio em que Sofia, símbolo da resistência à submissão ao homem negro, conforme apontamos, também tenta resistir à condição de empregada de uma mulher branca (2005, p. 4).

Diante disso, mesmo sendo uma mulher resistente, Sofia não ficou isenta de ser maltratada, atacada e subjugada. O preconceito racial é explícito quando a primeira dama da cidade, uma mulher branca de classe mais elevada, ao ver Sofia, mulher negra de classe baixa, imediatamente a imagina como serviçal. Esse comportamento reproduz as desigualdades estabelecidas em sociedades estruturalmente sexistas e racistas, onde o gênero e a cor da pele ditam os papéis concedidos a cada um. Esse episódio exprime o quanto a mulher negra é, independentemente de sua resiliência e força, colocada em uma posição subordinada em função de sua raça.

Sob esse aspecto, a marginalização negra feminina é vista como um instrumento de consolidação de posições subalternas, onde há a persistência em mantê-las abaixo de qualquer outro indivíduo, seja homem branco ou negro, ou mulher branca. Assim, como bell hooks salienta em “Não sou eu uma mulher?. Mulheres negras e feminismo”, durante a época escravocrata os brancos determinaram uma hierarquia social apoiada na raça e sexo, a qual rotulava que os homens brancos apareciam em primeiro, logo em seguida as mulheres brancas, ocasionalmente igual aos homens negros, e em último as mulheres negras (hooks, 1981, p. 40).

Os personagens masculinos mostrados no romance utilizam o sistema a seu favor para protagonizar a dominação feminina e submeter a mulher negra a uma vida de submissão e trabalho doméstico, sem que sejam questionados ou tenham alguma consequência por isso. No entanto, na narrativa existem mulheres como Shug Avery e Sofia que desafiam esses valores tradicionais seguidos pela maioria na sociedade. Os homens no enredo reproduzem a condenação feminina à marginalidade, dentro de um grupo de pessoas que já são vítimas do racismo. Mas são as violências sofridas por elas que permitem a sua aproximação. Com isso, em razão de todas as circunstâncias apresentadas, às mulheres oprimidas encontram-se umas com as outras a quem contar e compartilhar suas dores e lutas.

3. SORORIDADE E MULHERISMO: A SOLIDARIEDADE ENTRE AS MULHERESNEGRAS

Em sua coletânea de prosas *In Search of Our Mothers' Gardens* (1983), que em português seria "Em Busca do Jardim de Nossas Mães", Alice Walker aborda o termo *womanist* (mulherismo) ao se referir a mulheres negras que se preocupam com a cultura opressora sobre as pessoas negras, em geral, incluindo os homens:

I can imagine black women, who love women (sexually or not) hardly thinking of what Greeks were doing; but, instead referring to themselves as "whole" women, from "wholly" or "holy". Or as "round" women - women who love other women, yes, but women who also have concern, in a culture that oppresses all black people (and this would go back very far), for their fathers, brothers and sons, no matter how they feel about them as males. My own term for such women would be "womanist" (Walker, 1983, p. 81).

Segundo Collins (2017, p. 6), o significado da expressão a determina como sendo distinto e superior ao conceito de feminismo. Essa diferença pode ser resultante das histórias distintas de mulheres negras e brancas referente ao racismo presente nos Estados Unidos. Ainda para Collins:

A definição de mulherismo de Walker parece promover relações mais fortes entre as mulheres e homens negros, uma outra questão muito importante para as mulheres afro-americanas, independentemente da perspectiva política (2017, p. 8).

Assim, percebe-se que para a autora é essencial que haja a união e respeito entre pessoas negras, para que possam lutar juntos por seus direitos, sem qualquer discriminação de gênero.

A sororidade, palavra derivada do latim "soror", que significa irmã, entre as mulheres negras é crucial para a prática "mulherista". A sororidade negra diz respeito a solidariedade e aliança entre as mulheres negras criando uma rede de resistência frente às estruturas de poder que as inferiorizam. Essa aliança pode ser compreendida como uma forma de apoio mútuo entre essas mulheres permitindo a elas agir em resistência ao opressor.

Bell hooks discute o conceito de sororidade na luta feminista pelo fim do sexismo, ao destacar que algumas mulheres individuais abandonaram os seus princípios feministas para alinhar-se com homens sexistas, porém a luta continua, e a autora confirma ao ressaltar que "a sororidade ainda é poderosa" (2018, p. 31

No romance de Walker é visível esse laço entre as mulheres negras. Ademais, não é apenas Sofia e Shug Avery que praticam essa solidariedade com a personagem

central, mas também sua irmã, Nettie, que exerce papel primordial em sua jornada.

Já no início da narrativa, há a irmandade literal de Celie e Nettie, sempre com a existência do sentimento de proteção entre ambas, como quando o então pai/padrasto de Celie começou a olhar com lascívia para a irmã, e a personagem dispara: “Sometime he still be looking at Nettie, but I always git in his light.” (Walker, 2011, p. 12). As irmãs sempre demonstram solidariedade uma com a outra, e Nettie se torna um suporte para Celie diante de tanta crueldade que a personagem sofre, assim como Celie se torna protetora da irmã a fim de impedir a violência sexual que ela própria sofre. Quando seu suposto pai decide tirar Celie da escola, após engravidá-la, Nettie insiste para que ele não proíba a irmã de frequentar as aulas:

The first time I got big Pa took me out of school. He never care that I love it. Nettie stood there at the gate holding tight to my hand. I was all dress for first day. You too dumb to keep going to school, Pa say. Nettie the clever one in this bunch.
But Pa, Nettie say, crying, Celie smart too. Even Miss Beasley say so. (Walker, 2011, p. 15).

Essa ação do seu agressor destaca um obstáculo patriarcal que priva Celie da educação escolar, mantendo o controle sobre ela, limitando suas oportunidades de denúncia da agressão cometida por ele que, entre outros traumas, resultou na gravidez. A educação, sendo uma ferramenta essencial para o conhecimento, pode ser vista por ele como uma ameaça à libertação.

Após Celie se casar com Sinhô e mudar de casa, Nettie não consegue permanecer por muito tempo vivendo com o pai cruel e foge para a casa da irmã. Porém, diante de tantas investidas sexuais por parte de Sinhô e recusas por parte de Nettie, ele fala para Celie que a irmã dela tem que ir embora, neste momento a personagem aconselha a irmã a procurar a esposa do reverendo da cidade, uma mulher negra, que demonstrou ser uma pessoa respeitosa e boa com ela, logo também a ajudaria: “But I only got one thing to give her, the name of Reverend Mr._. I tell her to ast for his wife. That maybe she would help.” (Walker, 2011, p. 19). Antes de partir, Nettie ainda aconselha Celie:

Don't let them run over you, Nettie say. You got to let them know who got the upper hand.
They got it, I say.
But she keep on, You got to fight. You got to fight.

But I don't know how to fight. All I know how to do is stay alive.
(Walker, 2011, p. 19).

Além disso, Celie também sentiu que os filhos da esposa do Reverendo, na ocasião que ela os conheceu, se tratavam na verdade dos bebês que haviam sido tirados dela ao engravidar duas vezes, resultante dos abusos sexuais sofridos, levando conseqüentemente à perda do direito à maternidade: “I think she mine. My heart say she mine. But I don't know she mine. If she mine, her name Olivia. I embroder Olivia in the seat of all her daidies.” (Walker, 2011, p. 17). Com isso, além da esposa do Reverendo se tratar de uma mulher associada a uma figura religiosa de prestígio, também poderia proteger Nettie, assim ela ficaria próxima dos seus sobrinhos.

Após esses acontecimentos, Nettie se distancia da jornada de Celie, e pessoas como Sofia e Shug Avery também aparecem para demonstrar a Celie que existem outras formas de viver que não compreendem submissão e silêncio, as personagens oferecem exemplos de resistência com sua autonomia e força, concedendo a Celie outros caminhos para sua jornada de emancipação.

Ao aparecer na vida de Celie, a nora Sofia ensina, mesmo que indiretamente, que existem diferentes tipos de mulheres, e que mesmo sendo uma mulher na família não precisa obrigatoriamente ter que cuidar do lar sozinha, pois também que seu esposo pode exercer trabalhos domésticos. Ao falar de Harpo, Sofia destaca: “To tell the truth, he love that part of housekeeping a heap more ‘en me. I rather be out in the fields or fooling with the animals” (Walker, 2011, p. 41). Ao propor a inversão dos papéis tradicionais em seu lar, a personagem mostra que uma mulher pode fazer qualquer coisa e Celie a aceita, mesmo com sua personalidade diferente de algo que ela jamais vira antes: uma mulher que resiste. Com isso, Sofia e Celie criam um laço de amizade e mesmo após desentendimentos ambas conseguem se entender e compartilhar angústias e momentos felizes.

Desde o início, Sofia mostra a Celie, Harpo e Sinhô_ que ela não é uma mulher submissa, a personagem frequentemente prova ser uma mulher mental e fisicamente forte e corajosa, o seu comportamento se torna uma revelação para Celie, nela a protagonista encontra uma mulher que não depende de homem para manter sua existência no mundo, sendo não uma vítima mas uma controladora das circunstâncias (Rebel; Dunston, 2022, p. 157).

Sem dúvida, a vida de Celie tem uma mudança ao conhecer a nora. Ela começa a entender que mulheres subalternizadas podem falar, “She begins to understand how women can have a voice and vote for their decisions, she also begins to see how a couple can be equal.” (Rodriguez, 2017, p. 15).

Depois de todos os episódios envolvendo os maus tratos e a “escravidão” de Sofia na casa do prefeito, chegou a vez de Celie exercer a sororidade com sua nora e amiga. Ela, assim como toda sua família, não desiste de Sofia após a personagem se tornar uma mulher silenciada e perder todos os seus traços de resistência, depois de ser vítima do racismo e do patriarcado associado à violência de classe que acompanha a opressão do trabalho sobre as mulheres. Constantemente, Celie a visita na casa do prefeito, onde Sofia precisa trabalhar para não ficar na cadeia, e a ouve:

One of Sofia children break in, the oldest boy. He tall and handsome, all the time serious. And mad a lot.
He say, Don't say slaving, Mama.
Sofia say, Why not? They got me in a little storeroom up under the house, hardly bigger than Odessa's porch, and just about as warm in the winter time. I'm at they beck and call all night and all day. They won't let me see my children. They won't let me see no mens (Walker, 2011, p. 61).

Partindo para a análise da sororidade entre Shug Avery e Celie. Shug Avery aparece no romance de Walker como uma linda cantora de *blues*, mas também como amante de Sinhô____. Na juventude eles tiveram um envolvimento amoroso, que jamais terminou de fato. Quando Shug fica doente e o Sinhô____ a leva para casa e ordena que Celie cuide da amante, em um primeiro momento Shug Avery é cruel com a personagem e a menospreza, falando de sua aparência; porém após todo o cuidado que Celie tem com a cantora, com o decorrer da narrativa, ambas se aproximam e se tornam grandes amigas. Ao abrir um bar, Harpo convida Shug para cantar e chamar a atenção dos homens para o seu negócio. No momento da apresentação, Shug dedica uma canção para Celie:

Then I hear my name.
Shug saying Celie. Miss Celie. And I look up where she at.
She say my name again. She say this song I'm bout to sing is call Miss Celie's song. Cause she scratched it out of my head when I was sick (Walker, 2011, p. 47).

Na canção intitulada “Miss Celie’s Blues” ou “Sister” que ganhou fama no filme baseado no romance, Shug a chama de irmã e expressa o sentimento de sororidade que temos discutido:

Miss Celie’s Blues

Sister,
you've been on my mind
Sister, we're two of a kind
So sister,
I'm keepin' my eyes on you
I betcha think
I don't know nothin'
But singin' the blues
Oh sister, have I got news for you
I'm somethin'
I hope you think
that you're somethin' too

Oh, Scufflin',
I been up that lonesome road
And I seen a lot of suns goin' down
Oh, but trust me
No low life's gonna run me around

So let me tell you somethin' sister
Remember your name
No twister,
gonna steal your stuff away
My sister
We sho' ain't got a whole lot of time
So shake your shimmy,
Sister
'Cause honey the 'shug
is feelin' fine

(*Miss Celie’s Blues*: Music by Quincy Jones / Rod Temperton. Lyrics by the two of them with Lionel Richie)

Com as frequentes participações de Shug no bar, Celie logo percebeu que não levaria mais tempo até que ela partisse. Ao revelar para a personagem, que iria embora, a protagonista revela:

She come over and put her hand on my
shoulder. He beat me when you not here, I say.
Who do, she say,
Albert? Mr. __, I say.
I can't believe it, she say. She sit down on the bench next to me real hard,
like she drop (Walker, 2011, p. 48).

A cantora promete ficar até Celie não ser mais agredida pelo marido como uma maneira de protegê-la. Algum tempo depois, após ela voltar de sua viagem com um novo companheiro, Celie fica com ciúmes, porém as duas continuam sendo grandes confidentes, e Shug sempre demonstra curiosidade sobre Celie, perguntando sobre sua vida e sobre a Nettie. Após revelar a Shug que sofria violência sexual, Celie expressa que ninguém nunca gostou dela de verdade, então Shug responde:

She say, I love you, Miss Celie. And then she haul off and kiss me on the mouth.

Um, she say, like she surprise. I kiss her back, say, um, too. Us kiss and kiss till us can't hardly kiss no more (Walker, 2011, p. 65).

As duas personagens demonstram sentimentos amorosos uma pela outra, e pela primeira vez Celie se sente querida. Shug Avery auxilia Celie a descobrir sua sexualidade e redescobrir seu conhecimento sobre amor, o qual a personagem não planejava recuperar após o desaparecimento de sua tão amada irmã, Nettie. (Rebel; Dunston, 2022, p. 157).

Quando Celie fala sobre sua irmã e como não obteve notícias dela desde que desapareceu, Shug Avery questiona sobre cartas com selos diferentes que o Sinhô sempre pega na caixa de correio, foi neste momento que surgiu mais curiosidade na cantora sobre a irmã de Celie, pois ela imaginava que o amante estaria escondendo as correspondências de sua amiga e planejava recuperá-las, inicialmente sem Celie saber. “All of a sudden Shug buddy-buddy again with Mr._They sit on the steps, go down Harpo’s. Walk to the mailbox. Shug laugh and laugh when he got anything to say. Show teef and tits aplenty.” (Walker, 2011, p. 68).

Mais tarde, a personagem descobre que seu marido estava realmente escondendo suas cartas, pois Shug a entrega uma prova disso:

Saturday morning Shug put Nettie letter in my lap. Little fat queen of England stamps on it, plus stamps that got peanuts, coconuts, rubber trees and say Africa. I don't know where England at. Don't know where Africa at either (Walker, 2011, p. 68).

Esse ato de Shug Avery revela o quanto a personagem se solidariza com Celie e se torna também um suporte para ela. A sequência de atos cometidos por Shug para ajudar Celie em sua transformação mostra o quanto a personagem também tem uma grande evolução ao longo da narrativa, se torna uma mulher empática e se arrepende

de erros passados: “Poor Annie Julia, Shug say. She never had a chance. I was so mean, and so wild, Lord.” (Walker, 2011, p. 69).

Shug além do amor e amizade, também ensina Celie sobre Deus, explicando que Deus não se trata de uma pessoa branca, de olhos azuis, como Celie tinha sido influenciada a acreditar pela interpretação da Bíblia das pessoas brancas. A personagem salienta que Deus está presente em todas as coisas e pessoas:

Here's the thing, say Shug. The thing I believe. God is inside you and inside everybody else. You come into the world with God. But only them that search for it inside find it. And sometimes it just manifest itself even if you not looking, or don't know what you looking for. (Walker, 2011, p. 98).

A partir dessa nova compreensão, Celie começa a se ver de forma diferente, e Shug é fundamental nesse processo, ajudando-a, inclusive, a redefinir sua visão sobre o mundo e fazendo-a refletir sobre as coisas à sua volta. Esse ato demonstra que a personagem passa a valorizar mais sua própria percepção, ademais essa influência da cantora em sua vida também a faz questionar sobre sua posição na sociedade em que vive.

Embora essas personagens não tenham a consciência de que entre elas existe uma ligação de força e resistência, especialmente no que diz respeito a Celie e suas interações com as outras personagens, suas relações de amizade e fidelidade moldam seus destinos. Para Cardoso,

[...] têm-se os temas de amor e amizade, e Walker mostra valores essenciais para a vida humana. Celie, que só conhece o sentimento pela irmã Nettie vive-os mais intensamente ao lado de Shug Avery, e os descobre meio que aleatoriamente, já que estava bem conformada em não ser amada (2021, p. 8).

Shug Avery, com sua autoconfiança e postura destemida, apresenta Celie valores como a autossuficiência, passando de uma personagem que se enxergava com desvalorização e inferioridade para alguém com força e decisão. A sua aproximação com a cantora com o desenrolar da história permite que haja o crescimento para ambas as mulheres. Celie experimenta o respeito e a liberdade e busca a felicidade. Shug desperta na personagem a esperança de reencontrar sua querida irmã e isso se torna uma grande razão para ela, de uma vez por todas, enfrentar seu principal opressor, Albert/Sinhô___, seu marido.

De acordo com Marcelino (2020, p. 18), ao longo da narrativa a identidade de Celie passa por uma série de transformações, se desconstruindo e reconstruindo, e

que isso é possível devido a sua convivência com mulheres que já estavam acostumadas a não se curvar diante de um sistema patriarcal. Portanto, a importância de pessoas como Shug, Sofia e outras personagens na jornada de Celie mostra a influência benéfica de figuras femininas resilientes, que desafiam as normas sociais e instigam uma nova visão de oportunidades e empoderamento.

O romance de Alice Walker é um exemplo de que a união entre as mulheres negras é essencial para o combate a uma sociedade patriarcal, racista e opressora. A ligação e a solidariedade entre elas revelam que a sororidade pode ser uma poderosa ferramenta para a transformação e potencialização da luta por uma sociedade justa e igualitária.

Por fim, foi possível notar em Celie os traços de resistência e de transformação de sua identidade, com a perseverança de grandes mulheres à sua volta que não desistiram dela e sentiram empatia por sua luta. A presença dessas mulheres instiga Celie a enfrentar seus medos, inclusive o medo de homens, e a ter autonomia em sua própria vida, rompendo, por fim, o ciclo de violência que a aprisionava.

4. REENCONTROS: IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

Para Stuart Hall (2006), identidade é um processo contínuo de construção e reconstrução, está em constante evolução, moldada por experiências pessoais, interações sociais ou contextos culturais específicos, a identidade é uma produção ativa, assim como também não é algo que existe separadamente das representações culturais, é formada dentro do contexto dessas representações. Assim, Hall destaca:

Por isso, em vez de pensarmos na identidade como um facto, que encontra representação a posteriori em práticas culturais novas, talvez devamos pensar na identidade como uma "produção"; algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da representação (2006, p. 21).

Apesar de todos os obstáculos, Celie aprende formas de resistir e se reconstruir ao longo da narrativa, e passa por um processo de autodescoberta. Sua identidade, dessa forma, tem uma grande transformação, permitindo-a descobrir uma nova maneira de se afirmar como indivíduo.

Como dito antes, o romance de Walker é de estilo epistolar, um gênero literário que consiste na comunicação por meio de cartas escritas e trocadas entre personagens; no caso deste enredo, Celie é a protagonista e remetente das cartas. No artigo, "A construção da identidade feminina em *A cor púrpura*", Rocha e Araújo

destacam que a escrita de Celie é originária de áreas rurais, por isso o estilo coloquial, ao escrever para Deus e sua irmã, a personagem consegue aprofundar sua jornada de autodescoberta e desenvolver a consciência crítica de seu lugar naquele ambiente (2016, p. 5578). A escrita passou a fazer parte da identidade de Celie, pois é por meio dela que a personagem expressa seus sentimentos e reflete sobre suas experiências. Ainda segundo Rocha e Araújo (2016, p. 5579), a possibilidade de descrever para alguém que ama sobre o seu cotidiano a fazia se sentir mais confiante e interagir com indivíduos à sua volta. Seguindo esse pensamento, foram essas interações que permitiram a Celie conhecer pessoas que a apoiassem.

Para D'Angelo e Santos (2009), percebe-se que a personagem principal “escreve para ser e se re-conhecer enquanto ser: ‘eu sou’/‘eu sempre fui’”. Trata-se de uma repetição que visa reafirmar o seu lugar no texto e no âmbito social.” (p. 92). Isso está exposto no início do romance: “Dear God, I am fourteen years old. I am I have always been a good girl. Maybe you can give me a sign letting me know what is happening to me.” (Walker, 2011, p. 8). Nesse sentido, Celie utilizava as cartas como uma forma de resistência, mesmo sem perceber o impacto disso, pois desconhecia que sua escrita funcionava como uma ferramenta para o caminho de sua libertação.

Para Dukut e Dhamayanti:

The unity of woman that makes Celie and the other characters survive and be independent allows them a chance to speak up for their individual needs. Through the letters of Celie, for example, the unity of the woman is considered as a female conspiracy against the male dominated surroundings (2019, p. 139).

Através da união entre as mulheres negras da narrativa, as personagens encontram em si força para expressar suas necessidades individuais e resistir perante as formas de opressão masculina. As cartas funcionam como um ambiente seguro para Celie expressar seus pensamentos e suas ideias.

Além disso, é por meio das cartas escritas por sua irmã que a personagem descobre que seu pai não é pai e sim padrasto, “Pa is not our pa!” (Walker, 2011, p. 90). Embora isso em nada altere o contexto das violências sofridas, isso se torna um dos grandes motivos para Celie repensar sua própria vida, dando a ela mais coragem para romper com as relações de violência que a cerca.

O momento em que Celie decide abandonar sua antiga vida é marcado por apoio e aliança de sua fiel amiga, Shug Avery, e revolta de seu opressor. Após um

jantar em que todos estavam reunidos, Shug se levanta e declara que irá embora, logo em seguida complementa: “Celie is coming with us, [...]” (Walker, 2011, p. 99). Como era de se esperar, Sinhô___ reage com agressividade:

Mr._____'s head swivel back straight. Say what? he ast.
Celie is coming to Memphis with me.
Over my dead body, Mr.____ say.
You satisfied that what you want, Shug say, cool as clabber (Walker, 2011, p. 99).

A partir desse momento, inicia definitivamente a jornada de liberdade da personagem principal, onde pela primeira vez ela reage e, por fim, relata o que pensa, para seu marido:

You a lowdown dog is what's wrong, I say. It's time to leave you and ente into the Creation. And your dead body just the welcome mat I need.
Say what? he ast. Shock.
All round the table folkses mouths be dropping open.
You took my sister Nettie away from me, I say. And she was the only person love me in the world (Walker, 2011, p. 99).

Para o enteado, Harpo:

Hold on, say Harpo.
Oh, hold on hell, I say. If you hadn't tried to rule over Sofia the white folks never would have caught her.
Sofia so surprise to hear me speak up she ain't chewed for ten minutes (Walker, 2011, p. 99).

Isso pegou a todos de surpresa, porém foi um alívio para Celie, que viveu durante maior parte de sua vida silenciada por homens negros como aqueles que estavam a sua volta.

You was all rotten children, I say. You made my life a hell on earth. And your daddy here ain't dead horse's shit.
Mr.____ reach over to slap me. I jab my case knife in his hand (Walker, 2011, p. 99).

A personagem decidiu usar a sua voz, graças à sua coragem e esperança de, enfim, viver como merece, ser tratada com dignidade e respeito. Após as falas de Celie, seu marido tentou diversas vezes humilhá-la a fim de impedir a sua partida e continuar o ciclo de opressão, porém Celie se manteve firme:

You'll be back, he say. Nothing up North for nobody like you. Shug got talent, he say. She can sing. She got spunk, he say.
She can talk to anybody. [...]. But what you got? You ugly. You skinny.
You shape funny. You too scared to open your mouth to people. All you fit to do in Memphis is be Shug's maid (Walker, 2011, p. 102).

Depois dos insultos de Sinhô__ para Celie e de Celie para Sinhô__, foi a vez de Shug Avery intervir: “Shug come over to where us talking. She take one look at my face and say Celie! Then she turn to Mr.__. Stop Albert, she say. Don’t say no more. You just going to make it harder on yourself.” (Walker, 2011, p. 102).

Essa intervenção de Shug reforça seu papel na vida de Celie, como uma figura protetora, que se importa com seu bem-estar.

Com isso, a finalmente personagem principal de sua vida, declara: “I’m pore, I’m black, I may be ugly and can’t cook, a voice say to everything listening. But I’m here. Amen, say Shug. Amen, amen.” (Walker, 2011, p. 102). Celie, neste momento, comprova sua existência reconhecendo seu valor como mulher negra, afirmando uma virada importante em sua trajetória, na qual será essencial para tomar consciência de sua própria identidade e se desenvolver como uma mulher autônoma e completa de si.

Após a chegada de Celie a Memphis, a personagem, que já tinha talento para costura, decidiu fazer calças compridas para Shug Avery pensando no seu conforto. Com o sucesso das calças, começou a expandir a sua costura e, com isso, se tornou dona de um negócio. A cantora também foi essencial nesse processo, pois a incentivou a costurar mais calças:

One day when Shug come home, I say, You know, I love doing this, but I got to git out and make a living pretty soon. Look like this just holding me back. She laugh. Let’s us put a few advertisements in the paper, she say. And let’s us raise your prices a hefty notch. And let’s us just go ahead and give you this diningroom for your factory and git you some more women in here to cut and sew, while you sit back and design. You making your living, Celie, she say. Girl, you on your way (Walker, 2011, p. 104).

Celie havia criado algo para ganhar o seu próprio sustento e se tornar uma mulher independente. Sua habilidade de fazer calças, além de ter se tornado um meio para sua independência financeira, também se tornou um símbolo de sua emancipação.

Quando Celie recebe uma carta onde dizia que o navio que a irmã estava tinha sido afundado, a personagem começa a questionar a si mesma se vale a pena continuar viva, já que até o momento todos diziam que sua irmã havia morrido, e ela era uma razão para a personagem resistir e viver, pois tinha esperança de encontrá-la novamente: : “I sit here in this big house by myself trying to sew, but what good is

sewing gon do? What good is anything? Being alive begin to seem like a awful strain.” (Walker, 2011, p. 120).

Ao ser informada sobre a situação envolvendo a irmã de Celie, Shug Avery faz de tudo para saber o que realmente havia acontecido com Nettie, mas não obtém êxito, entretanto, Celie continua acreditando que sua irmã está viva, e que um dia retornará:

Well, they just don't know, and never did. Never will. And so what? I know you on your way home and you may not git here till I'm ninety, but one of these days I do expect to see your face. (Walker, 2011, p. 129).

Essa persistência de Celie em manter a esperança reforça a sua crença em um dia conseguir alcançar a sua completa felicidade ao lado de todas as pessoas que ama.

Por sua vez, o final de Sofia no romance foi marcado por superação. Depois de se desvincular totalmente da família do prefeito, para quem trabalhava como empregadadoméstica, a personagem recebeu ajuda de Celie para trabalhar na sua loja; agora estaria com alguém que gosta e é tratada com gentileza:

Meanwhile, I hired Sofia to clerk in our store. Kept the white man Alphonso got to run it, but put Sofia in there to wait on colored cause they never had nobody in a store to wait on 'em before and nobody in a store to treat 'em nice (Walker, 2011, p. 129).

Isso comprova, além da preocupação com Sofia, também o cuidado de Celie com o atendimento destinado às pessoas negras em serem recebidas bem. Pois, ao longo da narrativa, a protagonista presenciou o descaso que é o comportamento referente a pessoas negras em comércios, e se preocupa em atender todos de maneira igualitária e sem discriminação.

No fim, depois de anos de sofrimento e saudades, presencia-se na narrativa o reencontro tão esperado das irmãs. Ao estar reunida com seus familiares, Celie avista na estrada um carro se aproximando e sente se tratar da irmã, esse pressentimento se confirma quando todos que estavam dentro de carro saem:

When Nettie's foot come down on the porch I almost die. I stand swaying, tween Albert and Shug. Nettie stand swaying tween Samuel and I reckon it must be Adam. Then us both start to moan and cry. Us totter toward one nother like us use to do when us was babies (Walker, 2011, p. 131).

A personagem, após tantos acontecimentos dolorosos, finalmente se sente completa novamente. O reencontro com Nettie representa a cura de sua maior ferida, a separação de irmã. Esse reencontro marca não apenas o retorno de Nettie, mas

também o ponto final do seu ciclo de dor, onde uma nova fase de paz se inicia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, *A Cor Púrpura* é um retrato do desprezo da mulher afro-americana aos valores tradicionais de dominação centrada no homem. Apresenta as múltiplas formas de opressão vividas por mulheres negras diversas, e também evidencia a resistência delas a fim de superar os inúmeros obstáculos impostos, dentre eles o patriarcado, o racismo e o sexismo.

É indiscutível que as mulheres negras apresentadas neste artigo tiveram uma transformação em sua identidade. Celie desenvolveu traços de resistência, inicialmente de maneira silenciosa e que posteriormente se intensificou à medida que interagia com personagens que a encorajaram a reagir. Shug Avery se tornou uma mulher mais empática e Sofia mudou drasticamente após ter sido sujeita à humilhação e opressão. Esta última passou por diversas reviravoltas no romance, pois, por ser mulher negra, sofreu com a discriminação racial, de gênero e com a injustiça ao devolver o tratamento sofrido contra ela para pessoas brancas e consideradas superiores naquela sociedade. Apesar disso, todas conseguiram superar tais desafios que as tornaram mais fortes e resilientes.

A trajetória de transformação de Celie mostra que mesmo as mais oprimidas podem aprender formas de resistir, além de destacar que a união entre as mulheres negras é um instrumento importante para enfrentar o opressor, assim como no romance, onde Nettie, Sofia e Shug Avery foram essenciais para que Celie, no final, pudesse redescobrir sua força e alcançar sua liberdade e autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Hélia da Silva Alves. A (Re)construção da Identidade de Celie na narrativa de Alice Walker em “A Cor Púrpura”. In: SILVA, Francisco Brito da; BOAKARI, Francis Musa. **Afrodescendentes em Narrativas Cotidianas**. 1ª ed. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI, 2021. p. 18 - 30. E-book. Disponível em: <http://ufpi.br/e-book-edufpi>. Acesso em: 15. fev. 2024.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013. p. 199 – 205.

CHEUNG, King-Kok. "Don't Tell": Imposed Silences in The Color Purple and The Woman Warrior. **Cambridge University Press**, v. 103, n. 2. p. 162-174. DOI: <https://doi.org/10.2307/462432>. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/462432>. Acesso em: 01. ago. 2024.

COLLINS, Patrícia Hill. O que é um nome?: mulherismo, feminismo negro e além disso. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 51, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/P3Hpz4XQsPqSqJJLm9KH6tC/?lang=pt>. Acesso em: 5. ago. 2024.

D'ANGELO, Biagio; SANTOS, Waltecy Alves dos. Violação à intimidade: o gênero epistolar em A Cor Púrpura de Alice Walker. **IPOTESI - Revista de Estudos Literários**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 20. dez. 2009, p. 91 - 104. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/ipotesi/article/view/19187>. Acesso em: 05. set. 2024.

DUKUT, Ekawati Marhaenny; DHAMAYANTI, Nuki. Celie: A portrayal of an Afro-American woman's rejection of the traditional values. **A Journal of Culture, English Language Teaching & Literature**. v. 2, n. 2, p. 139 - 140. DOI: <https://doi.org/10.24167/celt.v2i2.760>. Disponível em: <https://journal.unika.ac.id/index.php/celt/article/view/760/530>. Acesso em: 24. ago. 2024.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006. Tradução: Regina de Afonso.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher: Mulheres negras e feminismo**. Lisboa. 2014. Tradução: Plataforma Gueto.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Tradução: Ana Luiza Libânio.

LIEBIG, Sueli Meira. A Cor Púrpura e Preciosa: histórias de rendição, rejeição e redenção. *Tabuleiro de Letras*, [S. I.], n. 4, 2012. DOI: 10.35499/tl.v0i4.159. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/159>. Acesso em: 14. ago. 2024.

MARCELINO, Jacqueline Laranja Leal. Questões de Gênero e Sororidade em *A Cor Púrpura*. **Revista Linguagem em (Re)vista**, Niterói, vol. 15, n. 30, p. 59 - 79. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/30/03.pdf>. Acesso em: 21. mar. 2024.

JONES, Quincy; TEMPERTON, Rod; RICHIE, Lionel. Miss Celie's Blues: Quincy Jones Productions. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/YQq7RqYVb38?si=pbk8VPcZTyCuV9bT>. Acesso em: 05. nov. 2024.

OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. "Você tentou fechar as penas?" - A cultura machista impregnada nas práticas sociais. **Polêm! ca**. V. 16, n. 3, 2016, p. 01-18 - DOI: <https://doi.org/10.12957/polemica.2016.25199>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/25199/18018>. Acesso em: 12 de ago. 2024

OLIVEIRA, Raphaella Silva P. A representação da sexualidade de mulheres negras nas obras de Alice Walker: reflexões iniciais. In: **Fazendo Gênero 9**, 2010, p. 1 - 5. Disponível em: <https://www.fg2010.wwwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares?impressaao>. Acesso em: 01. ago. 2024.

REBEL, J.; DUNSTON, G. M. Joseph. Journey of Emancipation: Portrayal of Celie in Alice Walker's *The Color Purple*. **Multidisciplinary Research Trends**, v. 3, p. 154 - 159. Disponível em: https://www.academia.edu/93150639/JOURNEY_OF_EMANCIPATION_PORTRAY_A_L_OF_CELIE_IN_ALICE_WALKERS_THE_COLOR_PURPLE. Acesso em: 10. ago. 2024.

ROCHA, Maria Clara Costa Menezes da. **Percebendo A Cor Púrpura do Campo: a construção da mulher negra em "A Cor Púrpura", de Alice Walker**. 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro Ciência Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/41549>. Acesso em: 17. abri. 2024;

ROCHA, Maria Clara Costa Menezes da; ARAÚJO, Rosanne Bezerra de. A Construção da Identidade Feminina em "A Cor Púrpura". In: XV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Volume 3, p. 5578 - 5589. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=2464>. Acesso em 12. mar. 2024.

RODRIGUEZ, Ana Toscano. **Sexism, racism and female bonding in Alice Walker's *The Color Purple* and Maya Angelou's *I Know Why The Caged Bird Sings***. 2017. 23p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Estudos Ingleses) - Universidade de Huelva, Espanha, 2017. Disponível em:

https://www.uhu.es/fhum/iframe/iacademica.php?sub=tf&cat=repo_todos. Acesso em: 15. mar. 2024.

SEDRINS, Adelson Pinheiro; SIBALDO, Marcelo Amorim; LIMA, Rafael Bezerra de. As relações entre gênero e raça em *A cor púrpura*, de Alice Walker: a caminho da descoberta da feminilidade de Celie. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 3, dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2210>. Acesso em: 17. mar. 2024.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
WALKER, Alice. **The Color Purple**. New York: Open Road Integrated Media. 2011.
WALKER, Alice. In search of our mothers garden. 1ª ed. [S. l.]: A Harvest/ HBJ Book. 1983. Disponível em: <https://archive.org/details/insearchofourmot0000walk/mode/2up>. Acesso em: 10. set. 2024.

WALKER, Alice. *The Color Purple*. New York: Open Road Integrated Media. 2011.

WALKER, Alice. In search of our mothers garden. 1ª ed. [S. l.]: A Harvest/ HBJ Book. 1983. Disponível em: <https://archive.org/details/insearchofourmot0000walk/mode/2up>. Acesso em: 10. set. 2024.